

VIOLÊNCIA SISTÊMICA: NEM SEMPRE QUEM FAZ A LEI É JUSTO

William de Siqueira Piauí⁸⁶

Resumo: O que pretendemos problematizar, de forma muito introdutória, em nossa palestra de hoje estará dividido em três grandes movimentos. Em primeiro lugar, problematizaremos os quatro principais antagonismos, listados por Žižek em **A Europa à deriva**, sobre os quais supostamente ao menos seremos desafiados a pensar na atualidade e a armadilha que poderia capturar todos nós se não nos centrarmos em um deles. Em segundo lugar, já considerando o quarto antagonismo como principal, ou seja, a referência aos excluídos, problematizar a violência objetiva e sistêmica que é grande parte da causa de sua existência. Por fim, em terceiro lugar, buscaremos problematizar, já a considerando dentro do tipo de violência objetiva e sistêmica, a complexa dinâmica de cooperação seja do exército seja das polícias com o efeito devastador do avanço do capital global especialmente no que diz respeito ao tipo de subjetivação que o mercado global deixa disponível aos militares de baixa patente em grande parte dos países do hemisfério sul e que se evidenciou no Brasil especialmente do Rio de Janeiro e ainda mais na Bahia e em São Paulo de 31 e 30 de julho: o estar à beira de se tornar um miliciano.

Palavras-chave: Capitalismo, Justiça, Violência, Polícia, Milícia.

Resumen: Lo que pretendemos problematizar, de manera muy introductoria, en nuestra charla de hoy lo dividiremos en tres grandes movimientos. En primer lugar, problematizaremos los cuatro antagonismos principales enumerados por Žižek en **La nueva lucha de clases**, sobre los cuales al menos hoy debemos mantener el desafío de pensar y la trampa que podría atraparnos a todos si no nos centramos en uno de ellos. En segundo lugar, considerando ya como principal el cuarto antagonismo, es decir, la referencia a los excluidos, problematizar la violencia objetiva y sistémica que es gran parte la causa de su existencia. Finalmente, en tercer lugar, buscaremos

⁸⁶ PIAUÍ, W. S., doutor em filosofia pela Universidade de São Paulo, atualmente é coordenador adjunto do Programa de Pós-graduação em Filosofia e vice-chefe do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Sergipe, líder do grupo GEFILUFS. Grande parte do presente texto foi apresentada no **V Colóquio Nacional de Ética e Filosofia Política da UFS: “Republicanismo: pressupostos e consequências”**, que aconteceu entre os dias 28 e 29 de agosto de 2023, e foi lido integralmente no **Perspectivas do fim do mundo II: uma homenagem a Leci Brandão e Paulinho da Viola e VII Semana de Filosofia da Linguagem**, que aconteceu entre os dias 20 e 24 de novembro de 2023.

problematizar, considerándola dentro del tipo de violencia objetiva y sistémica, la compleja dinámica de cooperación entre el Ejército y la Policía con el efecto devastador del avance del capital global, especialmente en lo que respecta al tipo de violencia y subjetivación que el mercado global pone al alcance de los militares de baja patente, sub-oficiales, en la mayoría de los países del hemisferio sur y que se hizo evidente en Brasil, especialmente en Rio de Janeiro e más aun en Bahia y São Paulo en los días 31 y 30 de julio de 2023: estar en punto de convertirse en miliciano.

Palabras-clave: Capitalismo, Justicia, Violencia, Policía, Milicia.

INTRODUÇÃO

Agora as leis mantêm o seu crédito, não por serem justas, mas porque são leis; é este o fundamento místico da sua autoridade; não têm nenhum outro e este responde bem ao seu propósito.
Montaigne.

O costume faz toda equidade, unicamente por ser admitido; é o fundamento místico de sua autoridade. Que a reduz ao seu princípio a esmaga. [...] Justiça, força – É justo que o que é justo seja seguido. É necessário que o que é mais forte seja seguido. A justiça sem a força é impotente; a força sem a justiça é tirânica. [...] A justiça é sujeita a disputa: a força é muito reconhecível, e sem disputa. Assim, não se pôde dar força à justiça, porque a força contradisse a justiça, dizendo que essa era injusta, e que ela é que era justa; e, assim, não podendo fazer com que o que é justo fosse forte, fez-se com que o que é forte fosse justo.
Pascal

O que pretendemos problematizar, de forma muito introdutória evidentemente, em nossa palestra de hoje estará dividido em três grandes movimentos. Em primeiro lugar, problematizaremos, a partir de Žižek de **A Europa à deriva**, os quatro principais antagonismos sobre os quais, supostamente ao menos, seremos desafiados a pensar na atualidade e a armadilha que poderia capturar a todos nós se não nos centrarmos em um deles. Em segundo lugar, já considerando o quarto antagonismo como principal, ou seja, a referência aos excluídos, problematizar a violência objetiva e sistémica que estrutura o agravamento de tal antagonismo. Por fim, em terceiro lugar, buscaremos problematizar, já a considerando dentro do tipo de violência objetiva e sistémica, a complexa dinâmica de cooperação seja do exército seja das polícias com o efeito devastador do avanço do capital global especialmente no que diz respeito ao tipo de subjetivação que o mercado global deixa disponível para os militares de baixa patente em grande parte dos países do hemisfério sul e que se evidenciou no Brasil especialmente do

Rio de Janeiro e ainda mais na Bahia e em São Paulo de 31 e 30 de julho de 2023: o estar à beira de se tornar um miliciano.

I PARTE – INCLUÍDOS VERSUS EXCLUÍDOS

*“I would build a great wall, and nobody builds walls better than me, believe me, and I’ll build them very inexpensively. I will build a great great wall on our southern border and I’ll have Mexico pay for that wall”.*⁸⁷

Donald Trump

Em seu livro de título, na versão portuguesa de Portugal, *A Europa à deriva*, cujo título original é *Der Neue Klassenkampf*, e que seria melhor traduzido, pois, por *A nova luta de classes*, de 2015, em grande medida retomado no livro *Against the double blackmail: refugees, terror and other troubles with the neighbours*, que poderia ser traduzido por *Contra a dupla chantagem: refugiados, terror e outros problemas com os vizinhos*, de 2016, e que foi traduzido para o espanhol com o título *La nueva lucha de clases: los refugiados y el terror*, o filósofo esloveno Slavoj Žižek (1949-) enumera quais serão os quatro principais antagonismos sobre os quais seremos desafiados a pensar na atualidade e a armadilha que pode capturar todos nós se não nos centrarmos em um deles, são eles:

[...] [1] a ameaça iminente de catástrofe *ecológica*, [2] a inadequação da *propriedade privada* para a chamada “propriedade intelectual”, [3] as implicações sócio-éticas dos *novos desenvolvimentos técnicos científicos* (sobretudo na biogenética), e, por último, [4] mas não menos importante [e veremos que de fato é ele o mais importante], as novas formas de *apartheid*, os novos Muros e bairros de lata [diríamos, nós brasileiros ou latino-americanos, as novas e as não tão novas favelas]. Há uma diferença qualitativa entre este último aspecto [ou seja, as novas formas de *apartheid* ou 4º antagonismo], o fosso que separa os Excluídos dos Incluídos, e os outros três, que designam os domínios daquilo a que Michael Hardt e Toni Negri⁸⁸ chamam “o comum”, a substância compartilhada do nosso ser social, cuja **privatização constitui um ato violento ao qual também deveria resistir-se por meios violentos, se necessário** [...]. Todas estas lutas partilham da **consciência dos potenciais destrutivos, que chegam à auto-aniquilação da própria Humanidade, caso a lógica capitalista [em geral do capital financeiro global] da limitação desses comuns [o comum da cultura, o comum da natureza exterior e o comum da natureza interna] seja autorizada a ter livre curso**. [...] Por outras palavras, nessa série dos quatro antagonismos, aquele que se verifica dentre os incluídos e os excluídos [ou seja, o 4º antagonismo] é crucial: **sem ele, todos os outros perdem a sua orla subversiva**. A ecologia transforma-se num problema de desenvolvimento sustentável,

⁸⁷ “Eu construirei um grande muro, e ninguém constrói muros melhor do que eu, acredite em mim, e vou construí-lo muito barato. Vou construir um grande muro em nossa fronteira Sul e farei o México pagar por esse muro”.

⁸⁸ Michael Hardt (1960-) é um teórico literário e filósofo político estadunidense que leciona na Duke University; talvez sua obra mais conhecida seja **Empire**, escrita com o filósofo e militante político italiano Antônio Negri (1933-).

a propriedade intelectual num complexo desafio jurídico, a biogenética apenas numa questão ética. (ZIZEK, 2016, p. 132).

Não é toa, portanto, que muitos de nós, inclusive nós filósofos de esquerda, tenhamos nos embrenhado na produção de material para pensar o que seria o desenvolvimento de fato sustentável, o complexo desafio jurídico de assegurar a propriedade intelectual e as questões éticas da biogenética ou, ainda melhor, as questões resultantes da “convergência entre nanotecnologias, biotecnologias, informática e ciências cognitivas”⁸⁹ sem, contudo, tomar o problema “das novas formas de apartheid, os novos Muros e bairros de lata” as novas e as não tão novas favelas ou o “antagonismo que se verifica entre os Incluídos e os Excluídos” como o crucial e o mais básico apagando justamente aquilo que explicitaria a subversão associada a supostas soluções dos outros três antagonismos⁹⁰, cuja consequência Zizek menciona do seguinte modo:

Em suma, sem o antagonismo entre os Incluídos e os Excluídos [o 4º antagonismo], poderemos muito bem achar-nos num mundo em que Bill Gates⁹¹ é o maior humanitário combatente da pobreza e das doenças, e Rupert Murdoch⁹² o maior ambientalista que mobiliza centenas de milhões de indivíduos através do seu império mediático⁹³. (Idem, p. 135)

⁸⁹ Como nos diz Laurent Alexandre: “A convergência entre nanotecnologias, biotecnologias, informática e ciências cognitivas (que agrupamos sob a sigla NBIC) coloca questões inéditas que comprometem o futuro da humanidade. O século XXI não será um rio tranquilo!” (LAURENT, Alexandre e BESNIER, Jean-Michel, 2022 [Os robôs fazem amor?], p. 28).

⁹⁰ Justamente ao que Jean-Michel Besnier parece estar muito desatento no livro os **Robôs fazem amor? O transumanismo em dose questões**. Pergunta que seria muito mais acertada se substituída por “Por que os robôs supostamente nos odeiam?” ou “Por que os animais sempre nos odiaram?”.

⁹¹ William Henry Gates III (1955-), mais conhecido como Bill Gates, é um magnata, empresário, diretor executivo, investidor, suposto filantropo e autor americano, que é mais conhecido por fundar, junto com Paul Allen, a Microsoft, uma das maiores e mais conhecidas empresas de software do mundo inclusive em termos de valor de mercado. Acrescentaríamos aqui o nome de Elon Reeve Musk (1971-), empreendedor, empresário e também suposto filantropo sul-africano-canadense, naturalizado estadunidense; fundador, diretor executivo e diretor técnico da SpaceX, CEO da Tesla Inc.; vice-presidente da OpenAI, fundador e CEO da Neuralink, cofundador presidente da SolarCity e proprietário do Twitter.

⁹² Keith Rupert Murdoch (1931-) é um empresário australio-americano, acionista majoritário da News Corp, um dos maiores grupos midiáticos do mundo; em 2015 a revista **Forbes** o classificou como a 32ª pessoa mais poderosa do mundo e a 76ª maior fortuna do mundo.

⁹³ Aos quais, abraçando a falsa filantropia dos magnatas, acrescentaríamos o nome do suposto “grande humanitarista da educação”, o economista e empresário suíço-brasileiro Jorge Paulo Lemann (1939-), um dos supostos maiores combatentes do analfabetismo inclusive funcional, ele que também já foi considerado, pela mesma **Forbes**, o segundo homem mais rico do Brasil. Em 2019 sua fortuna foi estimada em US\$ 22,8 bilhões. Esteve à frente da Fundação Estudar e depois da Fundação que leva seu nome, que é uma organização familiar “sem fins lucrativos” brasileira que “colabora com iniciativas para a educação pública em todo o Brasil e apoia pessoas comprometidas em resolver grandes desafios sociais do país”. Registrada em 2001, a Fundação Lemann começou suas atividades em 2002 e em 2003 iniciaram-se as primeiras turmas de “Gestão para Sucesso Escolar” em Santa Catarina e, nenhuma surpresa aqui, em São Paulo.

É preciso, pois, tomar muito cuidado aqui e talvez não se embrenhar em falso ativismo; e no Brasil especialmente em falso (ou verdadeiro?) empreendedorismo em educação; afinal de contas o que dizer da Multilaser em São Paulo desses dias? Essa seria apenas uma evidência que ao nos esquecermos da precedência do 4º antagonismo, cuja base evidente é a velha, mas não menos vigorosa, e cruel, cada vez mais diga-se de passagem, luta de classes, “não chegamos a nenhuma universalidade autêntica, apenas a preocupações ‘privadas’, no sentido kantiano do termo” (Idem, p. 135)⁹⁴, e sempre poderemos aceitar que estes e muitos outros magnatas lutam sinceramente, em geral as separando, em prol não só da educação mas também da ecologia, de uma noção mais ampla de propriedade intelectual ou da recusa de tornar um direito, dentre muitas outras coisas, o registro de genes. Falso humanitarismo justamente daqueles mesmos donos das empresas que se misturam ao novo mercado financeiro, novo capitalismo, que são contra qualquer concessão ao comum associado à educação, à ecologia, à propriedade, dentre outras, intelectual ou contra respeitar como comum a herança biogenética da humanidade.

Ou seja, a marcha aceleradíssima que suas empresas, as de uma infinidade de falsos humanitários e falsos filantropos, imprimem no avanço do capital global é justamente a maior inimiga do comum em suas várias manifestações, mas ainda mais com relação ao que faz a base do quarto antagonismo, o que se associa ao fato que “ainda não temos consciência do efeito devastador” geral “do mercado global” (Idem, p. 60), de quem de fato aperta o gatilho da miséria e exclusão mundiais, e é o antagonismo 4 o mais adequado para explicitar o quão, para dizer muito pouco, subversivas são essas empresas justamente no sentido do aumento dos excluídos e manutenção de um pequenínssimo número de incluídos. Ou seja, ainda nos falta muito para ganharmos mais consciência “do efeito devastador” ou dos atos violentos no sentido da privatização do comum em seus variados sentidos perpetrados pelo “mercado global”, do qual aquelas empresas e sua dinâmica financeira constituem a própria substância e, por decorrência, desmascarar dentre outras coisas aquelas supostas filantropias humanitárias⁹⁵.

Será que precisamos lembrar aqui o quanto essas empresas, ou alguns de seus braços, quase sempre estão envolvidas na origem e ampliação da miséria de muitos dos países principalmente do hemisfério sul, talvez um dos maiores e mais explícitos *apartheids* da

⁹⁴ Eis a resposta que Zizek costuma dar à divisão Público *versus* Privado defendida por Richard Rorty (1931-2007), contrária principalmente, por exemplo, à filosofia da desconstrução de Derrida. Richard Rorty foi um filósofo pragmatista estadunidense, a sua principal obra certamente é a **Filosofia e o espelho da natureza**.

⁹⁵ Para eles Zizek deseja, lembrando Brecht, tudo de bom: “um bom paredão”, “uma boa bala de uma boa espingarda”, “uma boa pá” e “uma boa terra”, Cf. **Violência**, 2014, p. 43.

atualidade? Será que o que fez a Braskem⁹⁶ em Maceió não pode ser considerado um ato violento de privatização de parte fundamental do que constitui a própria essencial do nosso ser social, o solo dos nossos lares, e não deveria, pois, ser considerado violência sistêmica, a mais violenta das violências? Será que precisamos lembrar a “administração” por parte dos verdadeiros donos do caos geral do mercado financeiro mundial que leva países inteiros a crises econômicas que aumentam a fome e a miséria, evidentemente principalmente dos países do hemisfério sul, e que é um dos maiores motivos do aumento dos excluídos? De todo modo complementa Zizek:

Somente o quarto antagonismo, a referência aos excluídos, justifica o termo comunismo. Com efeito, os três primeiros referem-se a questões (econômicas, antropológicas e até físicas) de sobrevivência da humanidade [é verdade], **ao passo que o quarto é, em última instância, uma questão de justiça**. Se a humanidade não resolver a sua difícil situação ecológica, todos poderemos desaparecer, embora se possa imaginar muito bem uma sociedade que resolva de alguma forma os três primeiros através de mediações autoritárias que não apenas conservem, mas até **reforcem**, as hierarquias, as divisões e **as exclusões sociais existentes**. (Idem, p. 136, grifo nosso).

Ou seja, não é difícil imaginar um mundo, já grandemente em curso na verdade, principalmente se olharmos para os países do hemisfério sul, onde aqueles supostos humanitários-filantropos e suas empresas-bancos serão os donos de toda a natureza – incluindo o sal gema que fica embaixo de nossas casas –, e não só naqueles três sentidos do comum, educação e ecologia incluídas claro, e só reste aos não donos ou não magnatas, os excluídos do mundo todo, se sujeitarem às hierarquias, divisões e exclusões sociais por eles “policialisticamente” impostas, os pouquíssimos incluídos ou donos do mundo inteiro mas principalmente os dos países do hemisfério norte; e claro que formas de governo mais autoritárias, policialescas, até mesmo nazi-facistas-teocráticas, seriam a melhor maneira de implantar essa diretriz do novo mundo, um mundo onde aqueles atos violentos no sentido da privatização do comum em seus variados sentidos, que estruturam o 4º antagonismo, estariam finalmente totalmente evidentes, finalmente mostrariam sua face: Pinheiro, Mutange, Bebedouro, Bom Parto etc etc etc. Planeta Maceió!

⁹⁶ Com o, no mínimo, curioso slogan “Em todas as operações que mantém no Brasil e no exterior, o maior compromisso da Braskem é o mesmo: a segurança das pessoas”, a empresa petroquímica Braskem de atuação global e líder nas Américas, considerada a 18ª, entre as 50 maiores, empresa na área de química e a 9ª na área de petroquímica, atingiu a impressionante marca de produção de 20 milhões de toneladas de resinas termoplásticas em 2020 e também a produção ainda mais impressionante de uma das maiores catástrofes ambientais do nordeste brasileiro e que certamente se tornará muito brevemente a maior catástrofe ambiental do Brasil, o afundamento de grande parte da Cidade de Maceió por motivo da extração de sal-gema, afundamento que começou a ser registrado em 2018 na cidade que fica em uma das regiões litorâneas mais lindas do mundo. Necro-capitalismo? Será?

Utilizando uma frase do próprio Zizek, mas em um outro contexto, diríamos que antes mesmo da explicitação completa de tal efeito devastador e violento a “única maneira de se sair do círculo vicioso desta” subversão invisível “é mudar de terreno em direção à análise econômica e social concreta” e chegar à “dimensão de classe oculta”, somente ela pode evidenciar que:

Este novo apartheid de fato, esta **explosão sistêmica do número de diferentes formas de escravidão efetiva**, não é um acidente deplorável, antes [é] **uma necessidade estrutural do atual [estado de evolução] do capitalismo global** (Idem, p. 71).

Eis, pois, para onde faríamos voltar o fundamento daquilo que faz a realidade da expressão “uberização” mundial “do trabalho”. É esta necessidade estrutural do capitalismo global atual, sobretudo em sua nova dinâmica financeira global, que à custa de muita violência se alimenta da explosão sistêmica do número de diferentes formas de escravidão efetiva, portanto, que deveríamos evidenciar antes de dar qualquer resposta para os outros três antagonismos, problema da educação incluído.

De todo modo, os dois temas que gostaríamos de problematizar em nossa fala de hoje já apareceram aqui e agora já podemos encaminhar os termos, de modo muito introdutório evidentemente, em que gostaríamos de discuti-los, a saber: Como falar de violência e de justiça sem desconsiderar a dimensão de classe oculta e de modo a tomar aquele quarto antagonismo como principal, ou seja, sem desconsiderar aquela que deveria ser a base da discussão sobre o comum em geral? Sem desconsiderar certo caráter anedótico, como falar de violência e justiça sem considerar o devir majoritário dos excluídos, a infinidade de pobres do mundo todo, e o devir minoritário dos incluídos, os tão poucos magnatas do mundo todo (e olha que estamos para chegar ao primeiro trilionário da história!), ou seja, e novamente, sem desconsiderar aquela que deveria ser a base da discussão sobre o comum, isto é, sem deixar de evidenciar esta necessidade estrutural violenta e mesmo assassina e na maioria das vezes policialesca do capitalismo global atual de fazer sistemicamente explodir o número de diferentes formas de escravidão e miséria efetivas? A resposta não parece simples, mas gostaríamos de nos concentrar em outro conceito também elaborado por Zizek, o de violência sistêmica, mas para isso nos voltaremos para outra obra escrita alguns anos antes das mencionadas até aqui, vejamos.

II PARTE – VIOLÊNCIA SISTÊMICA

“You follow drugs, you get drug addicts and drug dealers. But you start to follow the money, and you don't know where the fuck it's gonna take you”⁹⁷
Detective Lester Freamon, *The wire*

Em seu livro de título, na versão portuguesa do Brasil publicada em 2014, *Violência: seis reflexões laterais*, cujo título original é *Violence: six sideways reflections*, de 2008, livro que, de acordo com o que ele mesmo diz no prefácio à edição brasileira, “provocou uma série de respostas críticas” (p. 7), Žizek também enumera quais são, para ele, os principais tipos de violência e a armadilha que costuma capturar todos nós por não olharmos com o devido cuidado para a mais catastrófica ou devastadora delas:

Eis o ponto de partida, e talvez até mesmo o axioma, do presente livro: a violência subjetiva é somente a parte mais visível de um triunvirato que inclui também dois tipos objetivos de violência. Em primeiro lugar, há uma violência simbólica encarnada na linguagem e em suas formas [..., ou] há uma forma ainda mais fundamental de violência que pertence à linguagem enquanto tal, à imposição de certo universo de sentido⁹⁸. **Em segundo lugar, [que é o que mais nos interessa] há aquilo a que eu chamo violência “sistêmica”, que consiste nas consequências muitas vezes catastróficas [e diríamos que em geral associada à violência assassina ou policialesca] do funcionamento regular de nossos sistemas econômico e político. [...] [Cuja necessidade de ser olhada lateralmente ou de viés, tem a ver com o seguinte:] A violência objetiva é uma violência invisível, uma vez que é precisamente ela que sustenta a normalidade do nível zero contra a qual percebemos algo como subjetivamente violento. Assim, a violência sistêmica é de certo modo algo como a célebre “matéria escura” da física, a contrapartida de uma violência subjetiva (demasiado) visível. Pode ser invisível, mas é preciso levá-la em consideração se quisermos elucidar o que parecerá de outra forma explosões irracionais de violência subjetiva. (ŽIZEK, 2014, p. 17, grifo nosso)**

Ou seja, com isso temos três formas de violência e que se dividem em dois grupos, a violência subjetiva e do primeiro grupo, aquela mais visível entre as três e que muitas vezes toma lugar em explosões “irracionais” de violência cujos agentes, sujeitos, são muito facilmente identificáveis, e as violências objetiva e do segundo grupo, a simbólica e a sistêmica que não são tão facilmente identificáveis mas são a real causa de muitas das explosões supostamente irracionais de violência.

Para colocarmos em termos brasileiros, quando a mídia nacional nos bombardeia, como de costume, com o aumento da criminalidade no sentido de violência subjetiva, mesmo quando supostamente sai em defesa das mulheres e da população LGBTQI+ ou mesmo negra pobre das

⁹⁷ *Você segue as drogas, você pega viciados e traficantes de drogas. Mas você começa a seguir o dinheiro e não sabe onde, a que merda [porra], ele vai te levar.*

⁹⁸ Que poderíamos verificar nos “likes” ou audiência que levam à suposta desimportância de matérias inteiras do verdadeiro jornalismo sobre a violência, por exemplo.

periferias, cuja solução imediatamente sugerida seria em geral mudar as leis no sentido da mais que falsa grande impunidade atual dos “criminosos”, em geral Excluídos, até o limite de diminuirmos a maioria penal, a partir de certo reforço da invisibilidade de seus verdadeiros agentes e da visibilização excessiva do suposto ou presumido criminoso: nimbo midiático; o que a mídia nacional nos impede de ver e gera é justamente as violências sistêmica e simbólica, a própria violência objetiva que é a verdadeira causa dos altos índices de violência do campo social brasileiro, nos afastando também sistematicamente, e eis aqui a falsa inutilidade da filosofia e o explícito analfabetismo filosófico de grande parte do jornalismo brasileiro, da difícil consideração que o alto número de casos em que se verificam tais violências subjetivas só pode ser o “resultado de uma conjunção complexa de fatores” que só será devidamente equacionada a partir de “considerações de ordem cultural, ideológica-política e econômica”.

E, agora sim, podemos retomar o que vínhamos dizendo antes, destaque óbvio para a difícil “conjunção complexa de fatores” que só será devidamente equacionada a partir de “considerações de ordem cultural, ideológica-política e econômica” associadas a certo detalhamento delas à difícil “plena consciência do efeito devastador do mercado global”; ou seja, *ainda nos falta muito para ganharmos mais consciência “do efeito devastador” ou dos atos violentos no sentido da privatização do comum em seus variados sentidos perpetrados pelo “mercado global” do qual aquelas empresas-bancos constituem a própria substância.*

Nos nossos termos, diríamos que o mais difícil mesmo é equacionar como os efeitos devastadores do mercado global, a violência objetiva para a qual estamos cegados, determina as posições de subjetivação disponíveis que os sujeitos acabam por ocupar e que explicariam muito melhor os altos índices de violência subjetiva especialmente nos países do hemisfério sul ou nas tantas novas ou velhas favelas, os tantos bairros de lata dos quais os incluídos se separam com os seus tão altos muros incluindo os hemisféricos.

E, então, a pergunta que deveríamos fazer de saída é a seguinte: Como defender um estado normal e pacífico de coisas, o cessar das tantas violências subjetivas, se temos inegáveis níveis tão altos e midiático-policialescos de violência objetiva? Mas como perceber este nível altíssimo de violência objetiva quase invisível, porém em geral causadora do alto nível do número de violências subjetivas, para cuja invisibilidade a imprensa mundial, não sem mais nas mãos daqueles mesmos magnatas, os Incluídos, colabora tanto?

A resposta não é fácil, mas parece exigir a disciplina do estudar, estudar, estudar, melhor dizendo, filosofar, filosofar, filosofar, que deve ter como atmosfera o que fundamenta a seguinte

expressão quase proverbial: “*Você segue as drogas, você pega viciados e traficantes de drogas. Mas você começa a seguir o dinheiro e não sabe onde, a que merda, ele vai te levar*”⁹⁹. Imagine seguir o mercado financeiro global? Expressão que, com muita precisão, Hennie van Vuuren (1974-) escolheu como epígrafe de seu livro de 2017 **Apartheid guns and Money - a tale of profit (Apartheid armas e dinheiro, uma história de lucro)**, título que deveria nos chamar atenção para a real falta de limites do empreendedorismo global e que poderíamos redirecionar do seguinte modo: Mas será que estamos prontos para seguir, e porque não empreendedora, até onde o dinheiro, o lucro do capital financeiro global pode nos levar? Mas aí é preciso estar pronto para muita merda! E de que adiantam mesmo os muros? De quem são os montes de *money*? Qual a real diferença entre o tráfico ilegal de drogas e a indústria legal de opioides, por exemplo?

Assim, e se colocássemos as muitas armas e de variadas espécies assassinas de tantos ianomâmis, parte agora mais que visível daqueles excluídos, nas mãos daqueles que mais lucram, dentre muitas outras coisas, com o desmatamento da Amazônia, em geral nas mãos de grandes nomes do agronegócio? Você ouviu falar de algum assassinato cometido explicitamente, violência subjetiva realizada, pelas mãos de Bruno Heller? Nas mãos, portanto, de parte dos Incluídos cuja violência é invisibilizada principalmente, para dizer pouco e esconder os mais que lucrativos acordos que fazem suas preferências e estilo, por uma mídia nada filosófica que presume o criminoso, visibiliza o suposto criminoso, e pela própria imediatez totalmente individualizável da violência subjetiva de seus capangas. Mas é isso mesmo que somos levados-conduzidos a evitar! Será mesmo um acaso que a violência objetiva do capital associado ao agronegócio e comércio de pedras preciosas ganhe concretude, valor de uso, nas mãos dos também tantos pobres e explorados, garimpeiros, capangas, assassinos de aluguel etc., outros tantos excluídos, que de fato sujam as mãos com sangue, no sentido que cometem violência subjetiva por si só explícita, o sangue de tantos índios e mesmo ambientalistas ou indigenistas?¹⁰⁰ Será mesmo um acaso que a mão fantasmagórica, valor de troca, não tão invisível do mercado joalheiro ou agronegociante só apareça mesmo em suas posses ou riqueza? Pra falar pouco, às vezes sob 16 fazendas, 10 mil cabeças de gado,

⁹⁹ O detetive Lester Freamon, interpretado pelo ator Clark Peters, é um personagem fictício da série produzida pela HBO “The wire (O fio)”, que com 13 episódios veio ao ar em 2002, detetive que investigava principalmente crimes associados a tráfico de drogas, lavagem de dinheiro, corrupção etc.

¹⁰⁰ Aqui gostaríamos de sugerir o filme Colombiano **Los reyes del mundo**, de 2022, e a série documental brasileira **Escravidão – século XXI**, de 2021.

R\$116.000.000,00 (milhões de reais), milhares de dólares e euros etc etc etc e *moneys* e tal. E claro que para nós não é solução viver a constante geração de devir minoritário, ou seja, comportamento de coelho suicida que supostamente sabe que seu destino é dançar na boca do leão. Aqui e para nós a solução ainda é apelar para o comum, para o político no sentido aristotélico ou kantiano do termo ou, melhor ainda, para o político no sentido marxista do termo: sobretudo questão de classe.

Nesse sentido perguntaríamos, será mesmo surpreendente que as mãos não tão invisíveis também do mercado midiático coloquem um daqueles que movimenta a opinião popular, cria o simbólico, no sentido da minoridade penal ou que ao menos compartilha com outros meios semelhantes a mesma retórica de absurdidade ou das “mazelas do cotidiano brasileiro”, como um dos muitíssimos latifundiários de terras indígenas? Para falar pouco, às vezes sob R\$530.000.000,00 (milhões de reais), 13,82 hectares nas terras do povo Huni Kuin¹⁰¹, invisibilizados diariamente graças a cerca de 70 emissoras de rádio e por volta de 300.000 funcionários, para não falarmos da televisão e dos cargos de vereador e deputado e mesmo de governador de alguns dos integrantes das *famílias*. Mas duvido muito que qualquer um de nós já tenha ouvido falar de algum assassinato cometido explicitamente pelas mãos de Carlos Roberto Massa ou de alguém de sua família. Como nós muito bem sabemos, quando são tornados visíveis, ou seja, quase nunca, os assassinatos de indígenas ou simpatizantes e mesmo semelhantes, em geral excluídos de variados tipos, fica por conta da grilagem de terra ou desmatamento da Amazônia e agora ainda mais do Cerrado etc., aqui a violência assume seu caráter mais abstrato, mais fantasmagórico, mas só para ficar invisível o seu centro mercadológico: matéria escura.

Assim, o que estamos querendo dizer com violência sistêmica pode ser formulado do seguinte modo: mesmo para além das ações individualizadas de integrantes de grupos como o de Bruno Heller e mesmo de algum indivíduo em parte dono dos negócios das muitas empresas Massa, se fossemos um pouco mais longe na pergunta quanto a qual a fonte de violência nas quais eles também estão certamente envolvidos, acabaríamos por chegar àquele “efeito devastador do mercado global”, à alguma conjunção semelhante à seguinte: maiores fazendas de soja + maiores fazendas de gado + maiores reservas de metais preciosos + maiores fortunas = maiores geradoras de assassinato, maiores geradoras de trabalho escravo ou semi-escravo,

¹⁰¹ Cf. <https://mpabrazil.org.br/noticias/politicos-e-seus-familiares-possuem-96-mil-hectares-sobrepostos-a-terras-indigenas/>

maiores utilizadores de quantidades ilegais de agrotóxicos, maiores responsáveis por catástrofes ambientais, maiores responsáveis pela miséria, pelo analfabetismo etc. etc. etc. Ou seja, a menos que olhemos para esses determinantes geradores de explosões de violência que consideramos do campo ou associados à disputa de terras não tornaremos visíveis os reais assassinos que ficam invisibilizados nos agentes mais explícitos, nos que de fato cometem as tantas violências subjetivas. E estamos chamando atenção para os mecanismos, também muitas vezes nas mãos daqueles que mais lucram com esses conflitos, de invisibilização das reais origens da tão grande violência do nosso campo social; talvez fosse aí que deveríamos procurar os maiores focos de impunidade e não lá onde a violência subjetiva de fato acontece, mas seria preciso inverter o simbólico na massiva mão midiática. E aqui poderíamos traduzir a fala do Detective Lester Freamon do seguinte modo: *Você segue os assassinos, você segue os que escravizam, você segue os que usam ilegalmente agrotóxicos, e você eventualmente os prende. Mas você começa a seguir o dinheiro, o agronegócio, o mercado financeiro global propriamente dito, e não sabe onde, a que merda, ele vai te levar.*



Governador Ratinho Jr comemora el Día de los Pueblos Indígenas, en 19 de abril. (Foto: Divulgação)

Seria tão difícil assim imaginar uma situação em que Ratinho aparecesse, graças à distribuição “gratuita” de mercadorias do Baú da Felicidade, como o grande filantropo ou humanitarista da causa indígena em um de seus programas de rádio ou televisão? Outro Paulo Leman! Ou, seria tão difícil assim imaginar um Estado autoritário (mesmo nazi-facista-teocrático) em que a Amazônia ou o Cerrado ou o resto de Mata Atlântica fossem preservados ainda que isso significasse a retirada policial de todos os índios, geraizeiros, ribeirinhos etc. dessas regiões?

Assim, a questão principal, a verdadeira *questão de justiça*, deve estar sempre associada à não geração ou aumento de excluídos, em geral diretamente associada à agressividade e violência assassina em que avança o aumento da desigualdade ou a violência sistêmica, esta infelizmente quase invisível: matéria escura. Dito isso, poderíamos nos voltar agora para a pergunta: mas e a violência policial, será que ela é sistêmica? Vejamos.

III PARTE – VIOLÊNCIA SISTÊMICA E POLÍCIA: ESTATIZAÇÃO DAS MORTES

...extremamente satisfeito com a ação da Polícia...

Tarcísio de Freitas

A real? Porque matei muito ladrão...

Guilherme Derritte

O livro **Força de lei: o fundamento místico da autoridade**, na versão portuguesa do Brasil publicada em 2007, cujo conteúdo, associado a algumas palestras proferidas em vários momentos e em países diferentes, sofreu vários rearranjos e assumiu a forma final que deu origem à tradução brasileira em 1994, forma que inclui a “análise desconstrutiva” do famoso texto do filósofo alemão Walter Benjamin (1892-1940) “Para uma crítica da violência” de 1921, é a partir deste texto e naquele livro que o filósofo argelino francês Jaques Derrida (1930-2004) explicita o que seria para Benjamin a indicação do princípio de uma análise da realidade policial em sua ligação com o estado moderno democrático, no sentido do que veio após as monarquias:

Ela [a polícia] dá testemunho, na democracia ocidental, da maior degenerescência pensável da violência ou do princípio de autoridade, do poder [...]. A degenerescência do poder democrático [...] não teria outro nome senão polic. Porque na monarquia absoluta, pelo contrário, **a violência já não é concedida ao espírito da polícia. Em razão da separação presumida dos poderes** [Executivo, Legislativo e Judiciário, que inaugura o advento do estado moderno não monárquico], **ela se exerce de modo ilegítimo [ou seja, contra a lei], sobretudo quando, em vez de aplicação da lei ela a faz. Benjamin indica aqui [explica Derrida], pelo menos o princípio de uma análise da realidade policial** nas democracias industriais, e seus complexos militares-industriais providos de alta tecnologia informatizada. Na monarquia absoluta, por mais terrível que seja, a violência policial mostra-se tal qual é e tal qual deve ser em seu espírito, enquanto **a violência policial das democracias nega seu próprio princípio, legislando de modo sub-reptício, na clandestinidade**. Dupla consequência ou dupla implicação: 1) A democracia seria uma degenerescência do direito, da violência, da autoridade ou do poder do direito; 2) Ainda não existe democracia digna desse nome. A democracia ainda está por vir: por engendrar ou por regenerar. (DERRIDA, 2010, p. 107-8, grifo nosso).

Se, no Brasil, sua origem, ou renascimento ao menos, miliciana nos tempos da ditadura não é o suficiente para o provar, Benjamin deixava claro que é desde seu nascimento que não ficou eludida a associação da polícia moderna com a ilegitimidade de sua violência extrema, totalmente separada da aplicação da lei, totalmente separada do apenas empréstimo à justiça da força da lei, o que se mostra sobretudo quando, em vez de aplicá-la, a polícia faz a lei. Mas o que dizer da fala “*A real? Porque matei muito ladrão*” de Guilherme Derritte, secretário de segurança de São Paulo no governo Tarcísio Freitas? Desde quando a pena de morte foi legalizada no Brasil? Desde quando temos essa Polícia? Réu confesso, não preso?

Eis porque nossa pergunta parecia ser retórica, já que é claro praticamente a todos nós que nossa resposta deveria ser que a violência eficazmente assassina e brutal e em grandíssimo número a que nos submetem, a nós brasileiros mesmo da classe média ou funcionários federais (principalmente se formos professores!), a policial militar, mas não só, e incluiríamos aí polícias metropolitanas, federal e mesmo do exército, é evidentemente sistêmica mas parece que em um outro sentido, mas qual?

Portanto, a partir das ferramentas de análise de que dispomos, aqui as coisa se complicam muitíssimo, pois as ligações com os efeitos devastadores do mercado global não são assim tão imediatas ou evidentes já que essas forças policiais operam supostamente em nome de municípios, estados ou mesmo do país mas também porque do mesmo modo que elas pareciam ser a condição de possibilidade do abandono dos estados monárquicos no sentido que as democracias modernas prometiam um sistema de governo mais justo in-justamente elas também parecem ser a condição de impossibilidade do estado democrático; ou seja, tal estado de coisas espera por muita consideração ou crítica filosófica ainda. De todo modo, para além de não nos permitirmos o comprometimento com um completamente outro “fundamento místico da autoridade”, uma suposta justiça divina fundamento dos estados teocráticos; aqui também não deveríamos voltar a defender um espírito monárquico, um passado melhor que a degenerescência da nossa atual situação policialesca, que permitisse enquadrar a necessidade de uma polícia encarnada no exército que manteria o esquema de oposição, fundamental para a nova crítica benjaminiana da violência, entre as duas violências: a instauradora e a conservadora do direito, e que ainda assim estaria mais próxima de alguma associação entre a força da lei e a fraqueza da justiça.

E aqui só nos resta, ao que tudo indica, apostar em algumas hipóteses muito imprudentes e bastante iniciais e provisórias ainda. Talvez pudéssemos começar por emparelhar as situações do exército e da polícia do seguinte modo: assim como o exército pode ser considerado a condição de possibilidade e de impossibilidade das monarquias e sua degeneração deve ser considerada o advento dos governos ditatoriais, as ditaduras – e claro que, nesse sentido, não tivemos democracia no Brasil mesmo antes da ditadura militar; assim também a polícia pode ser considerada a condição de possibilidade e de impossibilidade da democracia moderna e sua degeneração é um estado miliciano – e claro que, nesse sentido, ainda não tivemos, especialmente a partir do Rio de Janeiro, democracia no Brasil mesmo depois da ditadura militar.

Dito desse modo, a situação dinâmica de cooperação seja do exército seja das polícias com o efeito devastador do avanço do capital global, que nos permitiria dizer com tranquilidade que se trata de violência naquele sentido que empregamos, isto é, objetiva e sistêmica, é bastante complexa; todavia, podemos manter ao menos uma parte do que tentava nos advertir Benjamin, ou seja, tal cooperação deve seguir no sentido da degenerescência, corrupção ou degradação, de possíveis associações entre a força da lei e a fraqueza da justiça ou da violência instauradora e a conservadora do direito, ou seja, a forma contemporânea mais adaptável ao livre curso da lógica capitalista nem é o exército, no sentido de uma ditadura, e nem uma polícia que o tome como medida, no sentido da Detroit de Robocop, é a milícia ou o crime que surge da degenerescência da força policial de tipo militar, já que dissocia a força da lei da fraqueza da justiça ou não se coloca como violência instauradora e conservadora do direito (e poderíamos falar aqui da diferença do crime organizado e da milícia, e basta ver o caso do Equador em comparação com o do Rio de Janeiro, a muito menor eficácia do primeiro). É justamente tal degenerescência que torna a “lei” quase que privada¹⁰² e, em sua imediatez e aplicação sem justificção, de extrema e pura violência assassina ou a mais alta força eficaz assassina contra a justiça-legal em sua devida demora e quase inaplicabilidade, desproporcional por essência, e universalidade, que prometia se voltar para o comum, a menos eficaz; nesse sentido a mais alta tirania que depende de ter tido origem na degenerescência da polícia ou do exército é o estado miliciano, justamente o que atende mais eficazmente aos avanços ilimitados que estruturam o capitalismo global.

Portanto, já que uma justiça a mais fraca possível e uma violência a mais forte possível não só invisibilizam mais eficientemente as mãos do mercado como as torna mais eficientes impedindo inclusive as respostas de uma violência subjetiva ainda que setorizada e dos comuns, é com as milícias que o mercado global invisível se torna a violência subjetiva privada e, por isso mesmo, violência subjetiva pulverizada mais forte, a lei tirânica de poder quase que individualizado: legião! E aqui Derrida talvez pudesse ensinar algo a Žižek, assim como para Benjamin ficava a lição que a violência e degenerescência diferem, a violência sistêmica e subjetiva diferem também. Não é por outro motivo, portanto, que nós da esquerda atual e mesmo do centro à esquerda tenhamos de estar tão agradecidos a Alexandre de Moraes¹⁰³.

¹⁰² Somente sua de Bob Fernandes

¹⁰³ Que tinha acabado de autorizar a prisão do ex-diretor geral da Polícia Federal Silvane Vasques.

CONCLUSÃO

“Somente no ano de 2023, a corporação [Polícia Militar do Rio de Janeiro] já prendeu mais de 17 mil criminosos, apreendeu mais de 2 mil adolescentes envolvidos com a criminalidade [...]”.

O que pode significar, então, a militarização da política? Que estamos assistindo ao fim do exército, naquilo que ele deveria ou poderia ser, isto é, garantir que um governo ainda que monárquico pudesse caminhar para o mais justo; também o fim da polícia no sentido daquilo que ela parece nunca ter podido ser, garantir que um governo ainda que democrático pudesse caminhar para o mais justo; contudo, algo permanece aumentando de velocidade, seguimos assistindo a mais uma etapa do fortalecimento do capitalismo global naquilo que ele sempre foi: apropriação do comum e da justiça fraca pelo fortalecimento do privado e do apenas forte da lei, do injusto e ilegal. Devires minoritários? Para aproveitar a música dos Titãs: quem precisa mesmo da polí-mili-cia é o capital global!¹⁰⁴

E não foi justamente isso que ficou evidente nas ações das polícias de São Paulo e da Bahia no final de julho de 2023? Para falar apenas de um dos lados, o quase mais eficaz e assassino, 18 mortes em execuções violentíssimas e que nada têm a ver com a aplicação da lei, mas com fazê-la; 18 mortes invisibilizadas pela eficiência do governo do Capitão Tarcísio talvez em atender por ronda-incursão da Rota a ordem geral de higienização sem processo emitida pelos incluídos; invisibilizadas pela costumeira falsa criminalidade dos mortos, por sua pobreza, por sua vida em comum, por sua insistência em permanecer em seus l-ug-ares etc. etc. etc.; no fim das contas mais uma higienização violentíssima e mais que eficaz contra os



excluídos, muros que a polícia brasileira, sempre às portas da ação miliciana (poli-mili-cia-na), insiste em elevar e ampliar: extrema força injusta do que já ou ainda não é nem nunca há de ser lei.

¹⁰⁴ Desde quando não portar documento de veículo, motocicleta, “deve” resultar em pena de morte, ainda mais de um esquizofrênico, preto pobre e em plena luz dia longe de qualquer tribunal? Total covardia talvez, mas certamente total injustiça e ilegalidade explícita contra o sergipano Genivaldo.

Portanto, força do ilegal injustificado e injustificável que a ação policial legaliza e que a mídia dos incluídos arremata invisibilizando, simbolizando, os de fato interessados e visibilizando os já mais que visíveis supostos criminosos, os, de todo modo, excluídos. Explosões de violência “irracional” subjetiva na cidade e no campo? Irracionalidade na execução de um policial da Rota? Irracionalidade dos moradores da Vila Zilda e depois de cerca de 18 mortes em uma ação policiaisca de inegável vingança, megachacina, megamassacre, ação dos mais de 600 quase sem câmeras? Quem mesmo matou Marielle, Genivaldo etc. etc. etc..., etceteras sem fim?

E poderíamos ir para um outro grande mercado aqui. A ordem, no sentido de quem manda, por exemplo, do mercado imobiliário que faz a ilegalidade privada injusta e contra o justo comum legal por ação da polícia nas cidades, nos dois sentidos injusta, portanto, só atinge sua maior eficácia porque o policial militar, dentre muitas outras da Rota, que está em vias de se tornar um miliciano, concretiza, corporifica, subjetiva, atos violentos fazendo o injustificado ou injustificável e sobretudo o ilegal tornar-se, por sua ação, o legal e mais justificável ou forte agora em vários sentidos: torna-se cúmplice de crimes, tornando inclusive invisíveis os verdadeiros criminosos dos quais é um cúmplice, no que é auxiliado, e tal invisibilidade é fundamental também, pela mídia que está nas mãos daqueles seus cúmplices pouquíssimos incluídos que também invisibilizam a verdadeira impunidade sujeitando à morte também os supostos criminosos: cegueira sacramentada por fuzilamentos. Torna a lei privada, é ele, o policial, que tomando as mão dos pouquíssimos incluídos e para bem longe da cadeia de comando se torna o executante da lei ilegal-injusta privada, é ele que vai contra o público, toma a lei-não-pública injustificada e injustificável contra o comum, vai contra o público ou uma maioria que se coloca à sua frente e a qual jurou defender, e que clama por justiça; age contra a paz, faz a legalidade-violenta contra o pacifismo do justo da lei etc.; por fim, legaliza o ilegalizável, às centenas legaliza o assassinato mesmo de crianças, tornando legal a mais que injusta-ilegalidade mortal, executa a pena de morte de vários independentemente de qualquer maioria ou processo e apesar da justiça e mesmo da lei. O avanço de tal necro-poder só pode ter como resultado um estado miliciano, ilegal e injusto em qualquer sentido que os tomemos, portanto. Livre curso da auto-aniquilação da própria humanidade ou do próprio da humanidade no hemisfério sul: barbárie, necro-capitalismo.

Nos nossos termos, a subjetivação que o mercado global deixa disponível em grande parte dos países do hemisfério sul e que se evidencia no Brasil especialmente do Rio de Janeiro,

mas ficou evidenciada mais uma vez na Bahia e em São Paulo de 31 e 30 de julho, a subjetivação que captura o sujeitado policial brasileiro, quem subjetiva vários atos violentos e ilegais, é, portanto, estar à beira de se tornar um miliciano e, talvez ainda para piorar, quem sabe um miliciano neopentecostal, se quisermos recuperar a forma religiosa atual que também vai no sentido da mais alta degenerescência do comum que poderíamos derivar da figura de Jesus: ama ao teu próximo como a ti mesmo! Nesse sentido, talvez pudéssemos arriscar um provérbio palavra de ordem dos milicianos ex-policiais nos seguintes termos: Em nome de Deus, odeia ao teu mais próximo como a ninguém mais! Nesse sentido, o Estado degeneraria no capital privado, o militar do exército degeneraria no político, o militar policial degeneraria no miliciano e o cristianismo degeneraria no neopentecostalismo do ódio ao mais próximo.

Assim, cerca de cem anos depois de Benjamin, diríamos que nossa polícia empresta força e violência extremas ao ilegal, e fazendo um trocadilho com Pascal diríamos:

E, assim e ao contrário da personalidade do monarca, o capital global impessoal, não desejando fazer com que o que é i-legal fosse fraco, fez com que o que é extrema e eficazmente forte e violento, tirânico, fez a polícia, o que fosse i-legal e in-justo, que fosse a lei genocida, fez também a poli-mili-cia.

Diria que é essa a violência mais tirânica, a mais letal, da atualidade, muito pior que o nazi-fascismo do Hemisfério Norte. E faltaria a pergunta: Em que sentido mesmo seria boa a militarização das escolas?

A Thiago Menezes Flausino e Gabriel Silva da Conceição Junior, de apenas 13 e 10 anos, que foram assassinados sem nem se compreenderem na posição subjetiva criminoso e o já suposto e presumido criminoso Cleiton Barbosa Moura, fuzilado próximo de seu filho de apenas, muito menos ainda, 10 meses, catastroficamente mais um já suposto criminoso sujeitado à lei genocida do Brasil e ainda mais a de São Paulo.

Referências bibliográficas:

- ALEXANDER, Laurent e BESNIER, Jean Michel. **Os robôs fazem amor? O transumanismo em doze questões**. Trad. Gita K. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2022.
- BENJAMIN, Walter. “Para uma crítica da violência”. In **Escritos sobre mito e linguagem**. Trad. Susana Kampff Lages e Ernani Chaves. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2011.
- DERRIDA, Jacques. **Força de lei: o fundamento místico da autoridade**. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- MONTAIGNE, Michel. **Ensaio** (III). Trad. Sérgio Milliet. São Paulo: Editora 34, 2016.
- PASCAL, Blaise. **Pensamentos**. Trad. Sérgio Milliet. São Paulo: Abril Cultural, 1973.
- VUUREN, Hennie van. **Apartheid Guns and Money**. África do Sul: Jacana, 2017.
- ZIZEK, Slavoj. **A Europa à deriva: a verdade sobre a crise dos refugiados e o terrorismo**. Trad. Jorge Pereirinha Pires. Lisboa: Objectiva, 2016.
- _____. **La nueva lucha de clases: los refugiados y el terror**. Trad. Damiá Alou. Barcelo: Anagrama, 2016.
- _____. **Violência: seis reflexões laterais**. Trad. Miguel Serras Pereira. São Paulo: Boi tempo, 2014.